

Violência na escola pública de Manaus/AM: Impactos na saúde física e mental dos professores

Violence in the public school of Manaus/AM: Impacts on the physical and mental health of teachers

Violencia en la escuela pública de Manaus/AM: Impactos en la salud física y mental de los docentes

Recebido: 13/06/2022 | Revisado: 21/06/2022 | Aceito: 25/06/2022 | Publicado: 05/07/2022

Everdan da Silva Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5908-2640>
Universidad de la Integración de las Américas, Paraguai
E-mail: souzaeverdan76@gmail.com

Franciele dos Santos Ribeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6158-2831>
Universidad de la Integración de las Américas, Paraguai
E-mail: francieribeiro76@gmail.com

Resumo

O objetivo deste estudo é investigar a violência sofrida por professores, seus respectivos fatores de causalidade e conflito existentes na escola pública de Manaus AM. Metodologia: A pesquisa do tipo descritiva, com abordagem quantitativa, elaborada nos anos de 2020 e 2021, com população de 70 indivíduos e amostra (N) 58 participantes, professores da Escola pública Estadual Professor Demóstenes Belduque Araújo Travessa, localizada no bairro Jorge Teixeira, Zona Leste de Manaus. Para coleta de dados, foi utilizado um formulário eletrônico semiestruturado contendo questões abertas e fechadas. No intuito de determinar os fatores de causalidade da violência. Resultados: Os resultados indicam que os fatores motivadores da agressividade do aluno contra o professor são: Famílias desestruturadas, reprodução do comportamento das ruas, presença de violência no seio familiar, relações afetivas conturbadas, uso abusivo de álcool e drogas. Esses aspectos ajudam a compor o perfil do aluno agressor que é caracterizado por raiva, intimidação e impulsividade. Ademais, as consequências da violência na saúde e na vida profissional do professor são demonstradas nas formas de depressão, baixa autoestima, ansiedade e medo, levando-o a desistência da carreira docente ou na mudança de escola. Constatou-se também a ausência de estratégias no combate à violência e resoluções que envolvam a mediação de conflitos. Além disso, não existem projetos interdisciplinares voltados para promoção da cultura de paz na escola.

Palavras-chave: Escola; Aluno; Causalidade; Consequências; Professor.

Abstract

The objective of this study is to investigate the violence suffered by teachers, their respective causal factors and existing conflict in the public school of Manaus AM. Methodology: The descriptive research, with a quantitative approach, carried out in the years 2020 and 2021, with a population of 70 individuals and a sample (N) 58 participants, teachers from the State Public School Professor Demóstenes Belduque Araújo Travessa, located in the Jorge Teixeira neighborhood, East Zone of Manaus. For data collection, a semi-structured electronic form containing open and closed questions was used. In order to determine the causal factors of violence. Results: The results indicate that the motivating factors of the student's aggressiveness against the teacher are: Broken families, reproduction of street behavior, presence of violence within the Family, troubled affective relationships, abusive use of alcohol and drugs. These aspects help to compose the profile of the aggressor student who is characterized by anger, intimidation and impulsiveness. In addition, the consequences of violence on the health and professional life of teachers are demonstrated in the forms of depression, low self-esteem, anxiety and fear, leading them to give up their teaching career or change schools. It was also noted the absence of strategies to combat violence and resolutions that involve the mediation of conflicts. In addition, there are no interdisciplinary projects aimed at promoting a culture of peace at school.

Keywords: School; Student; Causality; Consequences; Teacher.

Resumen

El objetivo de este estudio es investigar la violencia sufrida por los docentes, sus respectivos factores causales y el conflicto existente en la escuela pública de Manaus AM. Metodología: La investigación descriptiva, con abordaje cuantitativo, realizada en los años 2020 y 2021, con una población de 70 individuos y una muestra (N) 58 participantes, docentes de la Escuela Pública Estatal Profesor Demóstenes Belduque Araújo Travessa, ubicada en la Barrio Jorge Teixeira, Zona Este de Manaus. Para la recolección de datos se utilizó un formulario electrónico semiestruturado que contenía preguntas abiertas y cerradas. Con el fin de determinar los factores causales de la violencia. Resultados: Los

resultados indican que los factores motivadores de la agresividad del estudiante contra el docente son: familias rotas, reproducción de conductas callejeras, presencia de violencia en el seno familiar, relaciones afectivas conflictivas, uso abusivo de alcohol y drogas. Estos aspectos ayudan a componer el perfil del alumno agresor que se caracteriza por la ira, la intimidación y la impulsividad. Además, las consecuencias de la violencia sobre la salud y la vida profesional de los docentes se manifiestan en forma de depresión, baja autoestima, ansiedad y miedo, llevándolos a abandonar la carrera docente o cambiar de escuela. También se constató la ausencia de estrategias de combate a la violencia y resoluciones que involucren la mediación de conflictos. Además, no existen proyectos interdisciplinarios destinados a promover una cultura de paz en la escuela.

Palabras clave: Escuela; Alumno; Causalidad; Consecuencias; Docente.

1. Introdução

A violência sempre esteve presente na sociedade, acompanha o processo civilizatório em seus aspectos históricos, sociais e culturais. Por acompanhar o processo de produção e reprodução das ações humanas, compreende-se que está incorporada ao dia a dia das pessoas manifestando-se através das relações interpessoais, simbólicas e representativas. A manutenção dessas relações incorpora-se na prática das instituições sociais, alcançando até mesmo a escola (Alexandre Júnior, 2021).

A princípio, para falar sobre a escola é preciso conhecer a trajetória histórica da Educação e observar o percurso estudantil nos distintos momentos da humanidade. No período primitivo, que corresponde à pré-história, a educação tinha como objetivo ajustar a criança em seu ambiente físico e social por meio da aquisição de suas experiências. No período antigo, encontram-se os diferentes modelos educacionais, bem como o surgimento da escrita e do Estado. Destacam-se os povos egípcios, chineses, hebreus, gregos e romanos (Alexandre Júnior, 2021; Formigoni, 2021).

Na antiguidade grega, surge a ideia pedagógica associada à formação do cidadão, considerado um modelo que influenciou toda a educação do Ocidente. Posteriormente, constitui-se a educação romana, possuidora de caráter prático, formação civil e familiar. No período medieval, a educação está subordinada à Igreja. Todo conhecimento deve estar a serviço da fé. Modelos pedagógicos emergentes baseiam sua prática aos preceitos e ditames da religião. O período Moderno é marcado pelas mudanças na concepção do homem e da sociedade, enquanto a educação destinava-se a nobreza e a burguesia, a escola se preocupava com a formação moral do aluno (Costa & Santa Bárbara, 2021; Formigoni, 2021).

Diante desse breve histórico, fica evidente que a educação se transformou ao corresponder as necessidades da sociedade. Por isso, a escola configura-se como espaço de normas e padrões de socialização dos conhecimentos, tendo como seus principais atores: professores e alunos. Nela são construídas relações, as quais podem produzir e reproduzir diversos fenômenos, dentre eles, a violência. Ademais, quando surgem os episódios de violência no meio escolar, as relações conflituosas entre os atores sociais envolvidos são estabelecidas, além das transgressões aos direitos humanos (Bittar, 2009).

A violência é uma marca do Brasil, segundo um ranking de violência nas escolas, levantamento elaborado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2013), pouco mais de 100 mil professores e diretores de instituições do Ensino Fundamental e Médio participaram. O estudo considera dados do ano de 2013, quando 12,5% dos docentes declararam ter sido vítima de algum tipo de agressão provocada por alunos ao menos uma vez por semana. O país é seguido por Estônia (11%) e Austrália (9,7%) (Bittar, 2009; Almeida, 2008).

Pode-se entender que a escola não consegue impedir que este fenômeno se manifeste em seu interior, pelo contrário, a violência consegue se disseminar entre suas esferas. Esses comportamentos violentos podem causar insegurança, receio, medo e distanciamento, por conseguinte traz prejuízo para o desenvolvimento profissional e pessoal dos professores bem como dos alunos (Almeida, 2008).

Em decorrência dos atos de violência, parte dos professores passa a limitar sua relação e interação com alunos em sala de aula, levando-os ao desenvolvimento de um quadro patológico grave: Depressão, baixa produtividade, baixa autoestima, ansiedade, agressividade, além de outros problemas relacionados a sua saúde mental. Nesse sentido percebe-se que a violência

tem provocado prejuízos aos professores e ao ensino. Antecipação de aposentadorias, abandono da carreira, licenças médicas, migração para outras profissões, agravados ainda pelo sentimento de desproteção, desvalorizado profissional e abandono. A violência escolar decorre, portanto, da inter-relação entre três conjuntos de variáveis independentes, tornando-a multidimensional: o institucional, o social e o comportamental (Almeida, 2013). Diante do exposto o objetivo deste estudo foi: Investigar a violência praticada pelos alunos contra seus professores e seus respectivos fatores de causalidade internos e externos à escola, no contexto desta relação de conflitos.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva, que segundo Gil (2008), esta pesquisa propõe descrever características fundamentais de determinado objeto, população ou fenômeno, em estudo, estabelecendo relações entre variáveis e possibilidades.

Com enfoque quantitativo, o estudo envolveu uma população 103 participantes, sendo 79 professores, 01 pedagogo e 23 funcionários administrativos e amostra de (N)58 participantes, sendo 100% da Escola Estadual Professor Demóstenes Belduque Araújo Travessa, localizada na cidade de Manaus-AM, no período de 2020 e 2021.

A coleta de dados foi realizada de fevereiro a junho de 2020, através da plataforma Google Forms, em período de aulas na modalidade de (ERE) Ensino Remoto Emergencial. Foi utilizado um questionário semiestruturados, com variáveis socioeconômicas e demográficas. O primeiro questionário possui quinze questões destinadas aos professores, desenvolvidos para avaliar os fatores causais responsáveis pela violência de alunos a docentes. Para análise das variáveis foi adotado o programa estatístico Epi Info.

O estudo teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidad de La Integración de Las Américas. Foi feito o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação dos sujeitos da pesquisa. Também a pesquisa respeitou os princípios éticos contidos na Declaração de Helsinque.

A seleção dos participantes ocorreu por amostragem não probabilística. Os critérios de inclusão foram: Docentes pertencentes à escola estadual professor Demóstenes Belduque Araújo Travessa; possuir licenciatura plena na área de educação e possuir mais de 3 anos de docência. Os critérios de exclusão foram: Docentes de escolas particulares; professores licenciados; professores em estágio probatório.

3. Resultados

A violência assume um caráter dinâmico, conhecida no cotidiano como o uso agressivo da força física de indivíduos contra outros indivíduos de grupos contra grupos, enquanto comportamento humano deve ser entendido como um fenômeno social que está inerente às diversas influências relativas ao tempo histórico-cultural, quando se desenvolve a situação violenta (Almeida, 2008; Almeida,2013).

O referido termo violência na escola, pode ser abrangente, haja vista, que não somente os alunos podem ser acometidos, mas os docentes igualmente podem sofrer impactos de ordem psicológica. “As diversas situações do trabalho docente impõem ao sujeito a necessidade do desenvolvimento de defesas psíquicas, estratégias de defesa na luta constante entre as adversidades do cotidiano e a luta contra o sofrimento psíquico” (Lourenço & Valente,2020).

Ao levar em consideração a localização da escola estudada e seu contexto social, podemos enfatizar que a violência escolar pode ser associada a três dimensões: a grande dificuldade de gestão, resultando em estruturas deficientes; uma violência que se origina de fora para dentro da escola, que as torna sitiada e que manifesta por meio de penetração de gangues, tráfico de drogas e da visibilidade crescente da exclusão social na comunidade escolar (Almeida,2018).

A escola, enquanto instituição é lugar de manifestações sociais, onde afloram as várias formas de violência que permeiam a sociedade e que atravessam seus muros, constitui-se num ambiente propício às vulnerabilidades sociais compartilhadas pelos sujeitos que dela fazem parte (Aquino,1998).

Diante dessa assertiva, os dados indicam que 83% dos professores que responderam o formulário já sofreram algum tipo de violência praticada por alunos e apenas 17% responderam que não.

Assim, a mostra de 50% dos professores respondeu que sofreram agressão verbal, 23% responderam que sofreram agressão física, 10% responderam que sofreram discriminação e 17% responderam que sofreram *bullying*.

Os 54% dos professores afirmam que todas as alternativas evidenciadas são consideradas fatores que mais estimulam a prática de violência contra o professor: 22% consideram que os aspectos psicológicos são os fatores que mais motivam a violência e 14% indicam que as condições familiares são determinantes para a ocorrência frequente deste problema.

Dos professores 38% consideram que a violência escolar acarreta problemas para a saúde mental, podendo ocasionar ansiedade, raiva, irritabilidade, depressão, baixa autoestima, estresse, transtornos, entre outros. Além disso, 36% responderam que causa prejuízo na socialização, o que se traduz na convivência com seus familiares, colegas de trabalhos e alunos. Ademais, 26% dos professores afirmam que a violência no contexto escolar ocasionou sintomas psicossomáticos como dores de cabeça, taquicardia e alterações no sono. Os resultados mostram que 59% dos professores não pensam em desistir da profissão ou de trocar de escola devido à violência, porém 41% responderam que sim.

Cerca 60% dos professores consideram que todas as alternativas destacadas são aspectos que caracterizam o perfil do aluno agressor, desta forma, a violência na escola pode ser influenciada pela região geográfica, principalmente no que se refere à proximidade de favelas em que o tráfico de drogas está presente, Outros dados mais evidentes correspondem a 12% dos professores, os quais afirmam que o histórico do uso de álcool e drogas são os principais elementos que potencializam o perfil do aluno agressor e 11% consideram a impulsividade.

Os resultados sobre o desenvolvimento escolar do aluno agressor, 46% dos professores demonstram que este aluno apresenta dificuldade na aprendizagem, 18% consideram a repetência, 13% consideram a existência de maior número de faltas sem justificativas e 8% consideram o recebimento de punições com maior frequência e 15% dificuldade na aprendizagem.

Sobre os 56% dos professores a respeito do posicionamento da escola quando há ocorrência de violência praticada contra o professor afirmam que há certa demora em resolver o problema, 40% consideram a busca por resolver de maneira imediata e 4% mencionam é feito o encaminhamento para atendimento psicológico.

A respeito das vivências dentro do contexto da violência escolar, voltada para ações que poderiam acabar com este problema, 61% dos professores enfatizaram que todas as alternativas mencionadas servem de solução ou como atenuante deste fenômeno. 7% afirmam que uma das principais ações correspondem a maior participação dos pais na vida escolar do aluno, 12% consideram que a implementação de um projeto de prevenção. E 11% afirmam que seria fundamental a maior atuação de profissionais como psicólogo e pedagogo no combate deste problema.

Expõe que 47% dos professores consideram que as possíveis medidas a serem tomadas para melhorar a convivência escolar deve contemplar o incentivo ao diálogo, organizar assembleia em sala de aula para resolver conflitos e promover medidas coercivas mais duras.

Para outros docentes, mais precisamente 43%, somente o incentivo ao diálogo a relação entre professor e aluno poderá ser solucionada de maneira positiva. Aponta que 60% dos professores a respeito da realização de algum tipo de conscientização e prevenção contra a violência escolar enfatizam que não realizam e 40% afirmam que sim.

Sobre o posicionamento dos professores a respeito da possibilidade de se praticar uma cultura de paz na escola. 88% consideram que sim e 12% não. Esses resultados indicam que a maioria dos docentes acreditam na realização desta ação, mas para isso, é necessário a participação de toda a comunidade escolar.

Diante desses dados, torna-se importante a compreensão acerca das responsabilidades e atribuições por parte não somente da escola, mas da participação da família na formação do indivíduo, preparando-o para esse ambiente que em muitos casos pode ser conflituoso. Acerca das “situações de negligência e falta de apoio familiar, elas interferem diretamente na autorrealização profissional docente, gerando sentimentos de angústia, insatisfação e sobrecarga emocional destes trabalhadores” (Lourenço & Valente,2020).

4. Discussão

Os dados da pesquisa demonstram que a violência está muito presente no cotidiano escolar, manifesta-se de diversas formas, ademais, o professor é um dos mais atingidos pelo fenômeno (Almeida,2018; Aquino,1998).

Violência contra a escola é representada como atos de vandalismo que pode ser caracterizado pelas atitudes de: quebrar, sujar, destruir e inviabilizar os espaços físicos e equipamentos escolares. É possível entender esses atos como uma forma de expor o desinteresse e as dificuldades presentes no processo de aprendizagem (Beserra et al.,2021).

Entende-se que o cenário constituído é de uma escola onde nem sempre as relações sociais são amistosas e harmônicas, no qual os alunos e professores não se unem em torno de objetivos comuns. Dessa maneira, a convivência pode ser marcada por violências, muitas vezes naturalizadas e banalizadas, comprometendo a qualidade do ensino e aprendizagem (Aquino,1998).

Mediante essas considerações, pode-se afirmar que a violência por ser um fenômeno multifacetado, suas manifestações ocorrem em todas as dimensões da sociedade. Neste caso, o professor por fazer parte da função social da escola é duramente atingido pelas consequências das práticas violentas que cercam a comunidade escolar (Aquino,1998; Assis & Lima, 2011).

O corpo docente destaca a agressão verbal como principal manifestação de violência na escola pública, o que indica que as expressões desrespeitosas são bastante comuns no cotidiano escolar, o que reforça a existência de conflitos entre professor e aluno, quando na maioria das vezes, torna-se banalizado, passando despercebido (Assis et al.,2010).

Os dados confirmam a forte presença da violência no contexto escolar. Com isso, a agressão verbal se destaca como a maior ocorrência de violência praticado pelo aluno. Isto se deve às condições socioeconômicas e culturais, famílias desestruturadas e outros fatores externos que adentram a escola (Bernaski & Sochodolak,2018).

Desta maneira, considera-se que a violência contra o professor pode ser percebida em atitudes passivas, transtornos emocionais, problemas psicossomáticos, depressão, pensamentos suicidas e ansiedade. Relacionado a isso, destaca-se a perda de interesse pelas questões relativas ao ensino e aprendizagem, possível desencadeador do fracasso escolar, bem como o aparecimento de medo e intimidação por conta da agressão sofrida (Borscheid et al.,2017).

Fatores externos à escola como o contexto social, a pobreza, o desemprego e a vulnerabilidade são considerados os maiores responsáveis pela desigualdade social, o que favorece o surgimento da agressividade, da delinquência e ações antissociais (Boschi,2018).

Em uma sociedade cercada por atos de violência, tende a sofrer em todas as suas camadas sociais, sendo a escola, um lugar que ultimamente vem sendo lugar de disseminação de atos violentos contra docentes e alunos.

Importante entender que o ambiente que não favorece em si ao indivíduo, o deixa desprovido de segurança para laborar em um ambiente de constante estresse, e assim, prejudicar diretamente a sua saúde mental (De Andrade Martins, Schmitt & Alves).

Esses fatores envolvem dois aspectos, por um lado as ações praticadas pelo aluno no espaço escolar ultrapassam o que se considera socialmente aceitáveis; por outro lado, essas atitudes têm origens na própria realidade vivenciada pelo indivíduo, como uma resposta às situações de violência sofrida por eles (Brito & Lopes,2014).

Desta maneira, as condições da profissão docente no contexto atual não oferecem mais estímulo e nem incentivos para que se envolva num processo de motivação e valorização. Isso se deve, em grande parte, a violência enfrentada nas escolas (Cabraia & Pedroso,2018).

O indivíduo que é vítima de violência constante vai ter dificuldade de se relacionar com o outro e de estabelecer limites nas relações, pois na maioria das vezes não foram formados no contexto familiar ou social. Em vista disso, terá uma vivência de intenso estresse antes e depois da violência. Somado a tudo isso, a perda de interesse pelas questões relativas ao ensino-aprendizagem, a qual pode desencadear situações de fracasso escolar e aparecimento de transtornos emocionais (Carvalho,2014).

Os dados indicam que a profissão, a seriedade e o compromisso com a educação ainda se sobressai, mesmo diante das diversas ocorrências de violência praticada por alunos contra o professor. O docente ser vê um sujeito transformador de realidades e de comportamento. Outrossim, a educação por meio da escola é considerada um dos principais caminhos capazes de promover mudanças significativas na sociedade (Chaves, 2015).

Para tanto, outra considerável parcela de professores, afirmam que já pensaram em desistir da profissão. Isto se deve ao conjunto de práticas violentas e frequência de como ocorrem, o que afeta diretamente na sua relação com o aluno, prejudicando o processo de ensino e aprendizagem (Chrispino,2007).

Dentre os fatores de risco que predisõem o sujeito ao envolvimento de comportamentos violentos, quer como agressor, quer como vítimas, destacam-se: o histórico de agressão, o consumo de tabaco, álcool e/ou drogas, o baixo nível cognitivo, o reduzido envolvimento escolar; o deficitário envolvimento familiar; a criminalidade parental; separação dos pais; discriminação e a exclusão social na escola e na comunidade; pertencer a uma comunidade que apresenta sérias carências socioeconômicas e de infraestrutura (Clastres,2004).

Dados mostram que o desenvolvimento escolar do aluno agressor é configurado por esses elementos e de forma conjunta ocasiona inúmeros problemas no seu convívio escolar e principalmente com o professor. Podemos correlacionar também, que tal descrição está associada às informações apresentadas no gráfico anterior (Coelho et al.,2014).

Alunos de escolas localizadas próximas às áreas mais violentas apresentam pior desempenho escolar, evidenciando que a violência também está associada às taxas de repetição, ao número de ausências e queda de desempenho (Noletto,2010).

Os resultados mostram que a escola não possui uma postura ativa em resolver o problema das práticas de violência do aluno agressor, assim como não busca resolver as situações relatadas pelo docente. Há uma generalização desta problemática, que atinge diversas escolas públicas do país (Noronha & Oliveira,2019).

A situação se agrava, na medida em que a escola não busca enxergar o que ocorre no seu interior e a sua volta, assim como não discute com todos os envolvidos, visando solucionar o problema de maneira efetiva. Neste âmbito, é preciso que seja feita a integração da escola com a comunidade na qual está inserida e principalmente com as pais dos alunos (Oliveira,2014).

Neste sentido, a banalização da violência, manifesta no espaço escolar, ocasiona insensibilidade ao sofrimento alheio, motivando o desrespeito e a invasão ao campo do outro. Com isso, recorre-se à marca da ideologia do individualismo exacerbado, da negação e do combate às iniciativas coletivas atualmente desenvolvidas (Dupret, 2002).

O tema da violência no ambiente escolar se reveste de grande complexidade e traz à tona uma preocupação da escola e da sociedade em geral, uma vez que esse fenômeno não se resume somente a agressão ou indisciplina por parte dos alunos, trata-se de um grande problema social (Francisquini,2017).

Esses resultados indicam que é necessário realizar uma ação conjunta, envolvendo todas as práticas, traduzidas em orientação profissionais e projetos de prevenção que possam ajudar a minimizar o problema da violência escolar. Porém, é urgente que ações sejam tomadas, organizadas e colocadas em prática pela escola, envolvendo toda a comunidade escolar como um ato educativo de respeito mútuo e cidadania (Guiraud,2009).

A violência escolar é considerada um desafio e por isso, não pode ser desvinculada de outros problemas sociais. Uma das tarefas da educação é justamente a construção de uma cultura de paz e possibilidade de convivência com o outro. O negacionismo da violência deverá ser combatido com ações de interdisciplinaridade no processo de educação e com a participação direta da comunidade no cotidiano da escola, somando esforços no combate a essa mazela social (Ianni,2008).

Esses dados revelam a insatisfação dos professores quanto a manutenção das condições de trabalho, sua saúde física e mental, bem como sua própria segurança em sala de aula. Isso indica que esses dados confirmam as respostas dos gráficos anteriores, destacam a urgência da escola em criar alternativas que possam combater de forma rápida e consistente a violência praticada pelo aluno agressor (Melo et al.,2019).

Os atores envolvidos no processo se mostraram dispostos a construir uma cultura de paz embasada na compreensão dos princípios e respeito pela liberdade, justiça, democracia, direitos humanos, tolerância, igualdade e solidariedade. Implica também estabelecer uma rejeição, individual e coletiva da violência que tem sido parte integrante de qualquer sociedade, em mais variados contextos. Está pautada em valores humanos que precisam ser colocados em prática, a fim de passarem do estado de intenção para o exercício da ação, transformando-se em atos (Noletto,2010).

5. Considerações Finais

Nesta pesquisa percebeu-se que a violência vem atingindo a saúde física e mental de grande número de professores. Esse fenômeno se manifesta de várias formas e em grau diferente, demonstra a existência permanente de conflitos estruturais entre professor-aluno.

Para tanto, essas condições são ocasionadas por fatores provenientes de uma realidade contemporânea, configurada por problemas relacionados a questões sociais ligadas a pobreza, a falta de acesso à educação, ao desemprego, à desestruturação familiar. Desta forma, torna-se evidente que a vulnerabilidade, as condições familiares fragmentadas e aspectos econômicos influenciam diretamente a ocorrência de violência contra o professor.

Quanto ao professor, vítima das ações violentas, são acarretados problemas que afetam diretamente sua saúde mental como baixa autoestima, estresse, depressão, ansiedade, dentro outros. Em muitos casos, ao tornar-se constante no ambiente escolar as situações de violência podem provocar no professor o sentimento de abandono e frustração, levando-o por vezes a desistir ou pedir afastamento da profissão, ao entender que sua integridade física e moral está ameaçada.

A violência contra o professor só pode ser compreendida plenamente quando situarmos o contexto social e cultural que faz parte. Caso contrário, o aluno agressor não parece ser mais que um problema individual, produto da exclusão e vulnerabilidade ou por pertencer a uma família desestruturada. É preciso compreender o indivíduo em sua totalidade, entendendo sua história de vida e singularidade, indo além dos processos da sociedade.

Portanto, é urgente que políticas públicas de combate à violência escolar, sobretudo de proteção aos professores sejam rapidamente implementadas, com vista na melhoria da qualidade do ensino e promoção dos aspectos psicossociais de professores e alunos, condição fundamental para o bom funcionamento do processo ensino aprendizagem. É importante reconhecer as limitações dessa pesquisa levando em consideração a realidade estudada, a problemática envolvida, bem como os sujeitos e suas características. Os resultados limitados da pesquisa não ousam demonstrar a realidade de todas as zonas da capital, nem tampouco a realidade de todos os professores da rede pública, considerando o número reduzido da amostra de participantes do estudo. Apenas alertar para um problema que se agiganta a cada ano que se passa.

Estudar a violência contra o professor e o perfil agressor, vai além. das descrições e da configuração do pertencimento da realidade que o cerca. É preciso ter um olhar mais cauteloso e crítico no intuito de trazer para o campo científico novas conjecturas e resoluções que possam confrontar este fenômeno multifacetado que é a violência. Diante dessas perspectivas,

sugere-se à gestão escolar que promova ações no combate à violência contra o professor e estimular a criação de medidas que estimulem a mediação de conflitos, o diálogo, a democracia e o acolhimento.

Assim, o estudo é um esboço que poderá contribuir para novas pesquisas que visem novas descobertas sobre a temática discutida e que sejam feitas análises mais aprofundadas de outras realidades, sabendo que a escola é um espaço heterogêneo, constituídos por valores, ações, significados e ressignificações.

Referências

- Alexandre J., M. (1995). Paradigmas de Educação na Antiguidade Greco-Romana. Universidade de Lisboa. *HVMANITAS* –XLVII. https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas47/34_Alexandre_Junior.pdf.
- Almeida, J. L. F. de. (2008). *Violência escolar e a relação com o conhecimento e a prática docente*. In: *Enfrentamento à Violência/ Secretaria de Estado da Educação*. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. – Curitiba: SEEDPr. http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_fecilcam_ped_pdp_celia_regina_misael_da_silva.pdf.
- Almeida, L. C. da C.S. (2013). A escola como lugar de relações de poder do sujeito institucionalizado. *Revista Científica Internacional*. Edição 27, 1(10) <http://www.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/266>.
- Almeida, V. de. (2018). *História da educação e método de aprendizagem em ensino de história / Vasni de Almeida* (org.). EDUFT.
- Aquino, J. G. A (1998). violência escolar e a crise da autoridade docente. *Cadernos Cedes*, Campinas, ano XIX, (47), 7-19, <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n47/v1947a02.pdf>.
- Assis, G. J. de; Lima, E. E. (2011). *Escola, família e sociedade: diferentes espaços na construção da cidadania*. X Congresso Nacional de Educação - ECUCERE. Curitiba, novembro. https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4451_4038.pdf.
- Assis, S. G. de et al. (2010). (org.) *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. FIOCRUZ.
- Bernaski, J.; Sochodolak, H (2018). História da violência e sociedade brasileira. *Oficina do Historiador*, 11(1), 43-60.
- Beserra, M. A., de Abreu Silva, R. E., da Silva, T. J., Corrêa, M. S. M., Low, S. T., Ferriani, M. D. G. C., & de Souza, C. F. Q. (2021). Percepção dos professores acerca do enfrentamento da violência escolar. *Brazilian Journal of Development*, 7(1), 11179-11193.
- Bittar, M. (2009). *História da educação: da antiguidade à época contemporânea*. EdUFSCar.
- Borscheid, A. (2017), et al. *Mediação de conflitos na escola: uma prática além do visível*. Centro Universitário FAI. https://eventos.uceff.edu.br/eventosfai_dados/artigos/semic2017/700.pdf.
- Boschi, H. (2018). “*Cultura de paz*”: gênese de uma fórmula entre discursos de guerra e violência. *Trab. Ling. Aplic.*, (57.2): 848-876. <https://www.scielo.br/pdf/tla/v57n2/0103-1813-tla-57-02-0848.pdf>.
- Brito, A C. A. G. de; Lopes, M. E. (2014). O papel da educação escolar para o exercício da cidadania. *Revista Primus Vitam*. Nº 7 – 2º semestre de. http://delphos-gp.com/primus_vitam/primus_7/azenath.pdf.
- Cambraia, A. de A.; Pedroso, J. C. M. de A (2018). *Mediação escolar: do conflito ao diálogo*. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). encurtador.com.br/evF6.9.
- Coelho, E. B. S.; Silva, A. C. Luz G. da; Lindner, S. R. (2014). *Violência: definições e tipologias*. Universidade Federal do Santa Catarina, Florianópolis. <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/18-62>.
- Carvalho, M. do S. F. M. (2014). *Violência escolar: a percepção dos alunos e professores diante da violência na escola*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa. <https://recil.grupulusofona.pt/handle/10437/5780>.
- Costa, L.P. da; Santa B., R. B. (2009). *A educação da criança na Idade Antiga e Média*. VII Jornada de Estudos Antigos e Medievais. <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2008/pdf/c008.pdf>.
- Chaves, M. W. (2015). *As relações entre a escola e o aluno: uma história em transformação*. *Educação & Realidade*, 40(4), 1149-1167. <https://www.redalyc.org/pdf/3172/317241516011.pdf>.
- Chrispino, Á. (2007). *Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação*. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, 15(54), 11-28. <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n54/a02v1554.pdf>.
- Clastres, P. (2004). *Arqueologia da violência. Pesquisa de antropologia política*. Tradução de Paulo Neves. Editora Cosav & Naify. encurtador.com.br/opJUX.
- De Andrade Martins, E. B., Schmitt, J. C., & Alves, A. M. L. (2021). Saúde docente: o possível impacto das condições de trabalho no ensino remoto emergencial. *Revista Espaço Pedagógico*, 28(2), 508-533.
- Dupret, L. (2002). Cultura de paz e ações-educativas: desafios para a escola contemporânea. *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.) 6(1). <https://doi.org/10.1590/S1413-85572002000100013>.

Formigoni, B. de M. S. (2017). Da idade média a idade moderna: um panorama geral da história social e da educação da criança. *Temas em Educação e Saúde, Araraquara*, 6. 10.26673/tes.v6i0.9523. <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/9523>.

Francisquini, R (2017). Violência e sociedade. Salvador: UFBA, Faculdade de Direito; *Superintendência de Educação a Distância*. 79 p. ISBN 9788582921227. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25301>.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6a ed.), Atlas.

Guiraud, L. (2009). *As relações de poder na organização escolar: um estudo sobre a construção da subjetividade*. Universidade Federal do Paraná. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2235-8.pdf>.

Ianni, O. (2008). *A violência da sociedade contemporânea*. Universidade de São Paulo – USP. São Paulo. <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/644>.

Lourenço, V. R., & Valente, G. S. C. (2020). A docência e o cotidiano da escola pública: influências na saúde mental do professor. *Research, Society and Development*, 9(8), e593985967-e593985967.

Melo, B. L. B. de; Campos, D. M. Go.; & Barbosa, K. M. de M. e S. (2019). *Impactos da violência escolar na vida dos professores: estudo de caso*. UFPE. encurtador.com.br/cpvzX.

Noletto, M. J. (2010). *Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo*. – Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena. encurtador.com.br/tLY78.

Noletto, M. J. (2010). *Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo*. – Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena. encurtador.com.br/tLY78.

Noronha, J. I. vB.; Oliveira, M. A. de. (2019). *Violência contra professores no espaço: a percepção do Ensino Médio em uma escola pública na cidade de Unai* – MG. Goiânia. https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/106/o/Jeisy_Iann__completo.pdf.

Oliveira, A. H. da C. (2014). *Agressões e violências contra professores nas escolas públicas. 46f. Monografia (Especialização em Fundamentos de Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares)* - Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2014.